

**A ORIGEM DAS COMUNIDADES DE EXPRESSÃO PORTUGUESA  
NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: A EMIGRAÇÃO EUROPEIA  
PARA A NOVA INGLATERRA E O CASO DE HUDSON,  
MASSACHUSETTS\***

**THE ORIGIN OF PORTUGUESE-SPEAKING COMMUNITIES IN THE  
UNITED STATES OF AMERICA: EUROPEAN EMIGRATION TO NEW ENGLAND  
AND THE CASE OF HUDSON, MASSACHUSETTS**

*Aníbal Serra\*\**

**RESUMO**

*O presente trabalho pretende traçar uma panorâmica histórica da presença lusofalante, de origem europeia, na Costa Leste dos Estados Unidos da América, presença essa que remonta aos primórdios da colonização britânica (1607-1689) no então nascente território anglo-americano. Pretende-se caracterizar a emigração portuguesa no mapa migratório estado-unidense, bem como proceder à identificação e análise das principais motivações e formas de integração dessas comunidades, com especial enfoque na comunidade de Hudson, Massachusetts. O escrutínio dos fatores que conduziram à construção de uma identidade lusoamericana permitirão um enquadramento mais amplo das comunidades lusodescentes presentes ainda hoje no território estado-unidense. A análise dos sucessivos fluxos migratórios de Portugal para os Estados Unidos permitirá situar Hudson num grupo distinto dos tradicionais recetores de emigração portuguesa nos Estados Unidos da América e, em concreto, no estado de Massachusetts.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Emigração. Identidade. Luso-Americano. Comunidades lusofalantes.*

**ABSTRACT**

*The present work intends to outline a historical overview of the Portuguese-speaking presence, of European origin, on the East Coast of the United States of America, a presence that dates back to the beginnings of the British colonization (1607-1689) in the then nascent Anglo-American territory. The aim is to characterize Portuguese emigration on the US migration map, as well as to identify and analyze the main motivations and forms of integration of these communities, with a special focus on the community of Hudson, Massachusetts. The scrutiny of the factors that led to the construction of a Portuguese-American identity will allow a broader framework of the Portuguese communities present today in the United States. The analysis of the successive migratory flows from Portugal to the United States will make it possible to place Hudson in a distinct group from the traditional recipients of Portuguese emigration in the United States of America and, specifically, in the state of Massachusetts.*

**KEYWORDS:** *Emigration. Identity. Luso-American. Portuguese-speaking communities.*

---

\* Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto CIDEHUS - UIDB/00057/2020

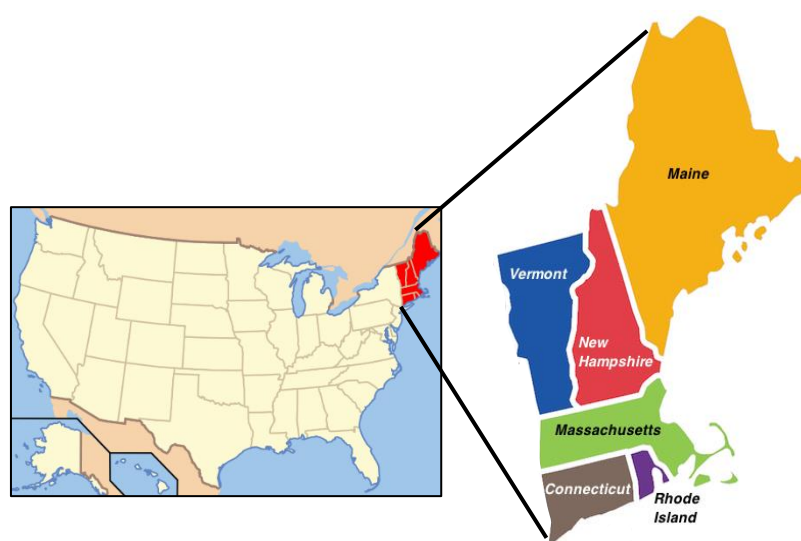
\*\* Professor na Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Tufts University (CIDEHUS/TU), Massachusetts. EUA. PhD em Linguística pela Universidade de Évora. Email: anibal.serra@tufts.edu

## DAS EXPLORAÇÕES EUROPEIAS À FIXAÇÃO NA COSTA LESTE DOS EUA

A emigração portuguesa integra-se no processo de exploração/expansão europeia que, a partir de 1492, incluiu migrações sefarditas (1492-c.1822), a ocupação colonial britânica (1492-1763) e a francesa (1534-1763) do território dos atuais Estados Unidos da América (EUA) e do Canadá. Com efeito, a migração portuguesa inclui-se na grande emigração europeia para este território e, com ela, ajudou a moldar aquilo que são hoje essas duas nações. De todas as comunidades de emigrantes, a portuguesa é uma das mais influentes e, também, uma das que maior impacto cultural teve nas regiões em que se fixou.

A presença portuguesa consolidou-se graças a diversas vagas migratórias que levaram à criação de comunidades vastas, com destaque para o chamado “Arquipélago Português”, a sul da Nova Inglaterra. A Nova Inglaterra, área geográfica no nordeste dos EUA, inclui seis Estados: o Estado do Maine, o Estado do Vermont, o Estado de New Hampshire, e os três estados do “arquipélago”, o Estado do Connecticut, o Estado de Massachusetts e o Estado de Rhode Island.

Figura 1 – Os seis estados que compõem a Nova Inglaterra



Fonte: mapa elaborado pelo autor

O “arquipélago” não retira importância a outras comunidades de lusofalantes que se estabeleceram em várias zonas dos EUA, mas confirma a força e a extensão da presença portuguesa da baía de Cape Cod, no Estado de Massachusetts, à baía de Narragansett, no Estado de Rhode Island, passando por Martha’s Vineyard e Nantucket, no Estado de Massachusetts. Aguiar (2015, p. 1) descreve o “arquipélago” como uma extensão de Portugal ao continente norte americano, uma extensão do território que, a partir do projeto colonial, se inicia em Portugal Continental e se estende ao insular,

abraçando a costa oeste de África e a comunidade cabo-verdiana. Haverá que contar ainda com a presença de uma grande comunidade cabo-verdiana (início século XVIII) e a da comunidade brasileira (início de 1960), que é, de todas, a que regista maior crescimento nas últimas duas décadas, existindo outras de menor expressão que compõem o mosaico lusófono no contexto de um mapa linguístico tão complexo quanto o do continente norte-americano.

A primeira comunidade de migrantes lusofalantes remonta à época das primeiras explorações europeias, fase que se caracterizou sobretudo por não ter um perfil colonizador e ser, a par de outras tentativas de exploração europeias, um período de desbravamento de um território até então desconhecido dos europeus. É nesse contexto que nas fontes surgem nomes ligados a Portugal e, embora a comprovação da origem portuguesa seja difícil, é hoje consensual a origem portuguesa de Miguel Corte-Real (c. 1448-c.1502), explorador que, tendo dado à costa depois de um naufrágio, em 1511 veio a liderar a tribo local Wampanoag. Refiram-se, ainda, tripulantes de frotas espanholas oriundas de Portugal, como os homens que integraram a expedição de Hernando de Soto (1495-1542) e Francisco Vásquez de Coronado (1510-1554). Em diversas fontes registam-se nomes como os de Álvaro Fernandes e André do Campo que, no século XVI, fizeram incursões no território a norte do México. Mas, de todos esses nomes, o mais conhecido é o do explorador português João Rodrigues Cabrilho (1499-1543), líder de uma frota espanhola que percorreu a costa da Califórnia.

Em relação a esta fase da presença portuguesa no território são poucos os dados que permitem caracterizar quer os indivíduos, quer os grupos, uma vez que então apenas se tratava de conhecer o território em incursões pontuais, sem grande enraizamento de populações, caracterizadas pela pouca consistência e capacidade de enraizamento, em virtude de necessidades e descobertas pontuais. Aos poucos, iniciam-se verdadeiros movimentos migratórios e, com eles, aumenta a presença judaica (sefardita, principalmente de origem portuguesa) a acompanhar a dos marinheiros e, sobretudo, baleeiros de origem portuguesa.

Os primeiros dados mais concretos a respeito de um grupo de expressão portuguesa no território norte-americano (até ao norte do México) referem-se precisamente a uma comunidade judaica. Proveniente de Pernambuco (Brasil), é um grupo de judeus sefarditas que se fixa no território das colónias anglo-americanas e, inclusive, nos territórios hodiernos de Ontário e Quebeque, no Canadá. Esta presença resulta em grande parte do antissemitismo vivido na Península Ibérica e da crescente tensão religiosa motivada pelo movimento da Contrarreforma. Parte da comunidade sefardita (sobretudo portuguesa) migraria para outras áreas pertencentes à Holanda ou conquistadas pelos holandeses a Portugal. Com a expulsão dos holandeses (1654), que tinham tomado parte do litoral do nordeste brasileiro, os sefarditas que não quiseram converter-se ao catolicismo – apesar de a maioria deles ter lutado ao lado dos portugueses – ou foram expulsos, ou saíram de vontade própria. Um pequeno número ficou em território brasileiro, mas os demais optaram pela diáspora por terras americanas, em

especial pelo território norte-americano (LEVI, 2003b), sendo Nova Amsterdão, hoje Nova Iorque (sob posse holandesa entre 1609-1664), uma das áreas eleitas. Do ponto de vista linguístico, esta vaga migratória judaica revelou-se fundamental uma vez que estes judeus não americanizaram os apelidos de origem portuguesa (Cardozo/Cardoza, Seixas, Pinto, Lopes/Lopez, Carvalho, Belasco, Pereira, Silva, Morais, da Costa, Madeira) e preservaram a língua nas suas práticas religiosas. Estes judeus ficaram conhecidos por “Gente da Nação” (*Portuguese Nation*, em inglês) e em muitas das sinagogas de Nova Iorque existem inscrições, em português, que datam de 1683.

Com base em dados oficiais, o primeiro registo de uma presença portuguesa remonta a 1634, data em que Mathias de Sousa (m.1642?), crioulo afro-português, chega ao território do atual Estado de Maryland, onde se regista a primeira comunidade com caráter permanente e devidamente estabelecida desde 1677, incluindo pessoas oriundas da região de Barbados, do Brasil e, claro, de Portugal. Mathias de Sousa poderá ser, na verdade, uma figura sobretudo simbólica, dadas as suas origens portuguesas e africanas. Enveredou pelas atividades de maior sucesso no território – o comércio de peles com os autóctones e a navegação –, tendo conquistado um papel social relevante e gozado de enorme prestígio durante grande parte da sua vida (BERLIN, 1998, p. 67).

Embora estes casos isolados se revistam de enorme interesse, a influência portuguesa na região é marcada sobretudo pela emigração açoriana<sup>1</sup>, que apenas adquiriu maior expressão no século XVIII, e foi determinada pela pesca do bacalhau e da baleia. Inicialmente pouco numerosos, os açorianos aproveitaram oportunidades de trabalho em navios baleeiros que, depois de passarem pelo arquipélago, atracavam na Nova Inglaterra com muita frequência. Estes navios recolhiam tripulantes e trabalhadores para os navios nas ilhas portuguesas e, à chegada a Nova Inglaterra, muitos dessas pessoas optavam por não regressar e estabeleciam-se na região. Muito contribuíram, para isso, a conjuntura económica portuguesa e, em especial, as graves dificuldades por que passavam os portugueses insulares, levando a que muitos, no final de uma temporada de pesca e de trabalho, preferissem procurar outros modos de vida.

Graças aos dados apresentados por Pap (1981, p. 60), é possível caracterizar com maior exatidão a natureza dessa presença portuguesa, maioritariamente católica e emigrada há vários séculos no território (1790). De acordo com aqueles dados, observa-se a presença portuguesa em outros estados mais a sul da região como a Pensilvânia, a Carolina do Sul, e, ainda, uma presença portuguesa resultante de casamentos mistos com autóctones e negros. Há ainda registos da presença de soldados de origem portuguesa na guerra pela independência (1775-1783), por exemplo, *Peter Francisco* (1760-1831), natural de Porto Judeu, Ilha Terceira, nos Açores.

---

<sup>1</sup> Os Açores são uma região autónoma de Portugal composta por nove ilhas localizadas no meio do Oceano Atlântico: São Miguel, Santa Maria, Faial, Pico, São Jorge, Graciosa, Terceira, Corvo e Flores.

Nessa época, um dos casos de sucesso mais notório é o do cristão-novo português Aaron Lopez (Arão Lopes, 1731-1782), descendente de uma das mais antigas famílias judeu-portuguesas de Bordéus com liames comerciais em Amesterdão, nas Antilhas e no Brasil holandês. Foi forçado a viver como cristão-novo enquanto permaneceu em território português e elevou Newport, no Estado de Rhode Island, a uma grande prosperidade económica por via da introdução da pesca e da indústria baleeira na região. A tripulação das suas mais de trinta embarcações era maioritariamente açoriana. A tradição da emigração portuguesa de origem açoriana para aquela região em virtude da pesca poderá ter sido fortemente influenciada por Aaron Lopez (LEVI, 2003a, p. 28).

A todos estes movimentos migratórios iniciais presidiu a maior atratividade de uns portos em relação a outros, já que nem todos tinham idêntico grau de desenvolvimento económico. Com o declínio do porto de Newport (Rhode Island), New Bedford, no Estado de Massachusetts, ganha preponderância passando a ser o foco da emigração. Na segunda metade do século XIX, os portugueses, particularmente os de origem açoriana, começaram a fixar-se noutras regiões da Nova Inglaterra, como as ilhas de Nantucket, Martha's Vineyard, Cape Cod, Gloucester, Bóston, Fall River, New London (no Estado de Connecticut) ou, ainda, a cidade de Nova Iorque.

Em 1892, o *Journal of American Folklore* apresenta a comunidade portuguesa e o seu folclore, destacando a pouca visibilidade pública da mesma quando comparada a outras de diferente origem. Ali se alude à escassa notoriedade de uma comunidade que estava em larga expansão no território mas primava pela discrição pública. O jornal evidencia, para o efeito, os milhares de portugueses que chegam aos portos de Bóston e New Bedford, realçando a já crescente presença no Estado da Califórnia e destacando o surgimento de inúmeras igrejas (nesta altura quase todas católicas), além da existência de jornais semanais em várias regiões. Naquela altura, as comunidades mais importantes na Nova Inglaterra eram as seguintes: uma em Rhode Island (Providence) e seis em Massachusetts (New Bedford, Bóston, Taunton, Fall River, Provincetown e Gloucester). Era, portanto, inegável o reconhecimento do fenómeno migratório de origem portuguesa, havendo na publicação o cuidado de distinguir as diversas origens das populações: açoriana, madeirense<sup>2</sup> e cabo-verdiana. Quando comparados às restantes comunidades migrantes a viver no território, os portugueses de finais do século XIX eram tidos como honestos e trabalhadores, mantendo fortes ligações à terra de origem (visível pela listagem das diversas associações, festivais e instituições de apoio criadas), embora então fosse já notória a tendência para uma rápida assimilação cultural.

Este crescimento está intimamente relacionado com a natural iniciativa de chamar e atrair familiares para uma zona com maior desafogo económico e, acima de tudo, repleta de oportunidades de trabalho num país em pleno desenvolvimento, cuja população não preenchia todas as necessidades

---

<sup>2</sup> Madeira é uma região autónoma de Portugal composta por quatro ilhas situadas perto da costa noroeste da África: Madeira, Porto Santo, Selvagem Grande e Selvagem Pequena.

laborais necessárias a esse processo. Devido aos sucessivos fluxos migratórios para a costa leste norte-americana, ao longo de mais de duzentos anos, aqui se fixaram mais portugueses e falantes de língua portuguesa do que em qualquer outra região do país.

No século XIX, esses movimentos migratórios massificam-se e ganham outras proporções: por um lado, consolida-se a presença na costa leste, sobretudo na Nova Inglaterra; por outro, inicia-se a fixação de comunidades na costa oeste, em especial na Califórnia e, inclusive, no Havai. A migração para a Califórnia é mais uma vez liderada por açorianos, motivada não só pela pesca mas também por outro tipo de atividades como a indústria mineira ou a agricultura. É numa terceira fase, entre 1878 e 1913, que a origem da emigração se diversifica consideravelmente, passando a incluir também Madeira, e o destino da migração deixa de ser a enorme mancha continental dos EUA para se estender às ilhas do Havai.

De 855 portugueses, em 1855, apenas em dez anos a presença portuguesa aumentou para 1883, sendo 1870 a data mais consensual para esta primeira vaga migratória em massa para os EUA. Motivada pela pesca baleeira, era constituída sobretudo por homens e, com o tempo, estendeu-se a diversas áreas de trabalho, e já não exclusivamente à pesca. As mulheres e crianças começaram a chegar em outras embarcações e, devido ao declínio da pesca baleeira, as vagas migratórias aumentaram principalmente com o aumento da indústria têxtil ou o surgimento de novas áreas de exploração. Em todas estas fases da emigração portuguesa, não havia leis a restringir a chegada de imigrantes, já que era extrema a necessidade de mão de obra, quer para a extração mineira na Califórnia, quer para a agricultura, tanto nesse território como no Havai.

Tabela 1 – Imigração portuguesa para os Estados Unidos, 1820-1930

|           |           |           |           |           |           |
|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 1820-1830 | 1831-1840 | 1841-1850 | 1851-1860 | 1861-1870 |           |
| 180       | 829       | 550       | 1 055     | 2 658     |           |
| 5 272     |           |           |           |           |           |
| 1%        |           |           |           |           |           |
| 1871-1880 | 1881-1890 | 1891-1900 | 1901-1910 | 1911-1920 | 1921-1930 |
| 14 082    | 16 978    | 27 508    | 69 149    | 89 732    | 29 994    |
| 247 443   |           |           |           |           |           |
| 48.5 %    |           |           |           |           |           |

Fonte: *Serviços de Imigração e Naturalização*, 1976. Relatório Anual: 86-88/United States Census, 1990.

Fosse para fugir ao serviço militar (promovendo a emigração clandestina) ou pelo anseio de uma melhoria da sua situação económica, a comunidade foi aumentando e estendendo-se a mais regiões dos Estados Unidos. Se os açorianos e os cabo-verdianos foram os primeiros a engrossar a presença lusofalante, nesta fase é considerável a vaga de madeirenses que se desloca para o território estado-unidense não só por questões socioeconómicas, mas também por questões religiosas. Os continentais só começaram a chegar ao território a partir de 1910, embora nenhuma outra origem se equipare, em

número, à oriunda dos Açores, já que, até hoje, a esmagadora maioria dos emigrantes portugueses, incluindo o Canadá, tem essa origem.

Atentando especificamente na Nova Inglaterra, mais uma vez, há transformações económicas nesta região que alteraram decisivamente o modo como os portugueses ali se foram estabelecendo. A evolução económica da região e a revolução industrial em curso fizeram com que se começasse a procurar outras fontes de energia, transição que fará com que a pesca baleeira, num processo inverso ao da indústria petrolífera e outras a ela ligadas, entre em declínio. A grande necessidade de mão de obra para as fábricas estado-unidenses levou à consequente dispersão da mão de obra emigrante para outras áreas do país e, pela primeira vez, essas novas áreas laborais começam a ser muito atrativas para a emigração feminina. De 1900 a 1920, emigraram para os Estados Unidos cerca de 180 mil portugueses, maioritariamente açorianos, e quase todos para a Nova Inglaterra. Ora, a escolha desta região em detrimento de outras prendeu-se não só a aspetos como a empregabilidade, por se tratar de uma zona muito industrializada, mas também à tradição e à ligação histórica às pequenas comunidades aí estabelecidas. New Bedford, Fall River e Bóston, em Massachusetts, e Providence, em Rhode Island, tornaram-se os maiores centros dessa comunidade no século XX e nunca mais decresceram, uma vez que Fall River e New Bedford, devido ao contínuo investimento fabril, careciam constantemente de operários. É também deste período, ligado igualmente à indústria do calçado, que a vila de Hudson se torna recetora de muitos destes emigrantes.

O século XX será marcado por este tipo de empregabilidade e terá dois grandes picos migratórios: o primeiro estendeu-se até 1920, ano em que cerca de vinte mil portugueses entraram no território e cerca de 140 mil pessoas obtiveram o estatuto de residência permanente; o segundo, nas décadas de 1960 e 1970, com entradas anuais na ordem dos doze mil portugueses e cerca de 175 mil atribuições de residência fixa. Entre estes dois períodos, registou-se um acentuado decréscimo, decorrente de alterações legislativas.

A finais do século XIX, o modo como as autoridades estado-unidenses geriram os atos legislativos relacionados com a imigração deu início à limitação de entradas no território e, a partir daí, a tendência foi sempre de restrição até aos dias de hoje.

Tabela 2 – Imigração portuguesa para os Estados Unidos (1831-1990)

| 1931-1940 | 1941-1950 | 1951-1960 | 1961-1970 | 1971-1980 | 1981-1990 |
|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 3 329     | 7 423     | 19 588    | 76 065    | 94 246    | 56 499    |
| 30 340    |           |           | 226 810   |           |           |
| 6%        |           |           | 44.5%     |           |           |

Fonte: *Serviços de Imigração e Naturalização*, 1976. Relatório Anual: 86-88/United States Census, 1990

As exceções ao processo de redução de entradas no território permitiram, contudo, a renovação das comunidades já existentes. O primeiro ato legislativo é de 1882 e prende-se com a presença de

chineses no território, sendo que, a partir desse ato, se iniciou um caminho que, ao longo de décadas, se multiplicou em critérios que complexificaram a entrada de novas vagas migratórias. Em 1917, por exemplo, é acrescentado o critério da literacia como fator de seleção, ao qual se acresce, depois, em 1921 o critério das cotas por nacionalidades. A legislação dos anos seguintes apenas ajustará leis anteriores, até que em 1952, ano em que ocorre o quinto ato legislativo, são novamente revistos os critérios relativos à área de formação e à abertura em relação à vinda de familiares. As leis excepcionais, chamadas “non-quota”, permitiam a entrada de novas vagas migratórias, das quais a mais relevante terá sido, provavelmente, a resultante da erupção dos Capelinhos: os *The Azorean Refugee Acts*.<sup>3</sup> Hudson, por exemplo, é uma das vilas estado-unidenses que, graças à crescente industrialização decorrida no século XIX recebeu vagas migratórias europeias de enorme proporções e foi das comunidades em que os *Refugee Acts* maior impacto se fez sentir.

## A ORIGEM DA COMUNIDADE PORTUGUESA DE HUDSON

Fundada em 1656, Hudson só entra nos anais em 1698 com a chegada do colono anglo-americano John Barnes, a quem foi concedido um acre da *Indian Plantation* or *Cow Commons* (“Plantação Indígena” ou “Campo da Vaca”), antigo território das tribos de língua e cultura algonquinas (os Ockookangansett), que havia sido agregado à área cultivada de Marlborough.<sup>4</sup>

Na margem norte do rio Assabet, o referido Barnes construiu um moinho, uma serração e uma ponte para fazer a ligação até Lancaster. Os 125 anos seguintes trouxeram um crescimento lento mas constante a esta seção de Marlborough, conhecida como *The Mills* (Os Moinhos), topónimo motivado pela existência de moinhos de água que se tornaram muito populares. Várias pequenas indústrias, essencialmente ligadas aos curtumes, instalaram-se junto à área do moinho e grandes fazendas estenderam-se gradualmente para o norte e para o leste. Nos primeiros anos, houve uma coexistência

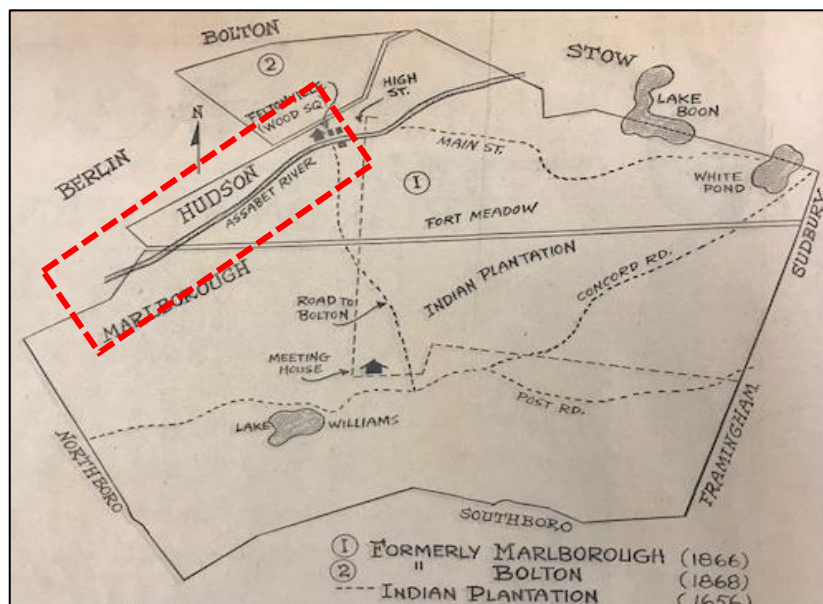
<sup>3</sup> *Azorean Refugee Act* of 1958. Refugee Timeline. Immigration and Naturalization Service Refugee Law and Policy Timeline, 1891-2003. US Citizenship and Immigration Services. <https://www.uscis.gov/about-us/our-history/history-office-and-library/featured-stories-from-the-uscis-history-office-and-library/refugee-timeline>. O *Azorean Refugee Act* of 1958, também conhecido por *Pastore-Kennedy Act of 1958* foi uma proposta conjunta dos senadores John O. Pastore e John F. Kennedy. O diploma permitia a concessão de 1 500 vistos destinados a chefes de família da ilha do Faial que emigrassem até 30 de Junho de 1960, mas uma emenda introduzida posteriormente alargou o número de vistos para 2 000, estendendo o prazo até Junho de 1962. Em consequência directa do diploma, entre 1958 e 1965 perto de 2 500 famílias imigraram do Faial e Pico, num total de cerca de 12 000 pessoas, das quais 4 811 directamente ao abrigo da norma. Esta emigração inicial teve um efeito multiplicador gigantesco, estendendo-se a emigração a todas as ilhas e levando a que nas décadas seguintes mais de 175 000 açorianos (mais de 30% da população) partissem para os Estados Unidos.

<sup>4</sup> As crónicas de Hudson dividem a evolução da vila e seus arredores em quatro períodos históricos: *The Indian Plantation/Cow Commons* (1656-1700); *The Mills* (1700-1800); *New City* (1800-1808) e *New Municipality* (de 1866 até hoje). Fundada em 1657, Marlborough da qual fazia parte Hudson, pertencia à *Massachusetts Bay Colony* (1630-1691), depois conhecida como *Providence of Massachusetts Bay* (1691-1775) e, logo após a declaração unilateral da Independência e antes do fim da Guerra da Independência dos Estados Unidos (1765-1783), simplesmente como estado de Massachusetts (1776), cedendo embora partes do seu território aos estados de New Hampshire (1791) e Maine (1820). Cf. HHS (1976); Halperin (2001, p. 1-10; 2008, p. 1-10).



pacífica com as populações autóctones; porém a necessidade de expansão territorial por parte dos colonos levou a que as tribos indígenas instaladas na região tentassem recuperar território que era, até à chegada europeia, seu por direito (DRAKE, 1890, p. 496).

Figura 2 – Hudson integrado em Marlborough. Mapa da região com Plantação Indígena [1880?]



Fonte: Hudson Daily Sun, 19 de março de 1966

Em junho de 1743, graças a Samuel Witt, John Hapgood e outros representantes da comunidade anglo-americana, dá-se a primeira tentativa de separação da cidade de Marlborough e de autonomia dos “Moinhos”, sendo solicitado às autoridades judiciais o estabelecimento de um concelho autónomo, petição em que se argumentava com as reais dificuldades de comunicação com outras regiões limítrofes, e que o *General Court* (Tribunal Geral) recusou, embora a iniciativa tivesse grande repercussão junto das populações. O peso da comunidade cresceu ao longo dos anos e Samuel Witt serviu mais tarde como membro dos *Committees of Correspondence* (Comités de Correspondência) durante a Revolução (1775-1783). A 19 de abril de 1775, chegada a notícia da marcha britânica para Concord e Lexington, no hodierno estado de Massachusetts, vários homens da área dos *The Mills* juntaram-se às companhias e rumaram a Cambridge, para conter os soldados britânicos. Esta empresa conferiu-lhes prestígio e reconhecimento público numa já notória e crescente emancipação em relação a Marlborough (HUDSON, 1877, p. 551).

Por volta de 1800, a pequena comunidade passou a chamar-se Feltonville, por referência à família de Silas Felton (1776-1828), um dos mais importantes comerciantes locais, altura em que a localidade já tinha uma estação de correios e um hotel, estando ligada a Bóston por via terrestre.

Em 1816, Peter Wood tornou-se o primeiro grande empreendedor da indústria do calçado, ao qual se seguiu Daniel Stratton, fundador da primeira fábrica de pequenas dimensões, cujo negócio chegaria depois às mãos de William Brigham. Mas foi Francis Brigham, seu descendente, quem veio a

ser o maior de todos estes industriais, pois ergueu, com apenas 23 anos, a primeira oficina de construção de sapatos que, em 1847, era já uma pequena fábrica, empregando 300 pessoas, em 1860.

Figura 3 – Francis D. Brigham e a Brigham’s Shoe Shop



Fonte: Hudson Historical Society Collection (HHS) [1847?]

Naquele ano (1860), havia dezassete fábricas relacionadas com a produção de calçado e, por isso, Feltonville era já destino para diferentes grupos de imigrantes, a saber, irlandeses, escoceses e até quebequenses. Com efeito, a primeira grande vaga de emigrantes que ocuparia os 975 postos de trabalho disponíveis nas fábricas de calçado e curtumes locais procedia sobretudo da Irlanda e do Quebeque. Nos anos seguintes, instalaram-se outras unidades fabris, nomeadamente uma fábrica de construção de pianos, uma fábrica de revestimento impermeável de tecidos e, além de terem sido fundados mais bancos e serem criadas cinco escolas, construiu-se a sede administrativa da vila no “Town Hall”, ainda em uso nos tempos de hoje.

Fervorosos abolicionistas, em 1861 os cidadãos de Feltonville aderiram à Guerra Civil Americana (1861-1865). No dia 4 de julho de 1894, quando se celebra o dia da independência, acontece uma das maiores catástrofes da vila: um incêndio alastrou a cerca de 40 edifícios e estendeu-se a cerca de 20.000 m<sup>2</sup>. Foram precisos dois anos para a vila se reconstruir, mas o sentimento de pertença e de unidade da vila saiu reforçado, pois este acontecimento foi tomado como um testemunho da capacidade de resistência e luta das suas gentes. Nessa altura, Francis Brigham perdeu grande parte das suas fábricas de calçado, tendo tido prejuízos a rondar os sessenta mil dólares (HHS, 1976, p. 21).

Em 1865, regista-se um novo movimento para elevar Feltonville a concelho. Várias reuniões foram realizadas na “Union Hall” e nas cidades vizinhas de Marlborough, Stow, Berlim e Bolton, tendo as petições sido enviadas ao Tribunal Geral no sentido de ser criada uma nova vila que incorporasse a secção do norte de Marlborough e parte de Stow. Aprovadas as petições, a 19 de março de 1866 Hudson

tornou-se oficialmente vila, recebendo o nome de Charles Hudson, um dos seus mais prestigiados habitantes, que havia contribuído para a construção de uma biblioteca na região.<sup>5</sup>

Figura 5 – Charles Hudson, senador do estado de Massachusetts



Fonte: Hudson Public Library, [1862?]

Dois anos mais tarde, Bolton vendeu dois quilómetros quadrados de terra à nova vila, que assim estendeu a sua área para cerca de vinte quilómetros quadrados (DRAKE, 1890, p. 505). A indústria e a instalação de fábricas mais modernas diversificaram oportunidades e atraíram novos moradores. Com efeito, à indústria do calçado seguiram-se outros tipos de fábricas como as de curtumes, caixas, material de construção, cintas e bandas elásticas e até de gazes em fibra. A “Goodyear Gossamer Company”, a “Woodward Manufacturing Company”, a “New England Knitting Mills” e a “The Lapointe’s Machine Tool Co.” eram os grandes dinamizadores económicos da vila e os grandes centros de atração de mão de obra emigrante numa fase em que a indústria do calçado estava em ascensão.

Em 1872, a Câmara Municipal concentrava os principais serviços da vila, assim como um salão para reuniões cívicas e eventos de entretenimento, além de albergar uma biblioteca, uma sala de operações bancárias, uma sala de aulas e um tribunal distrital.

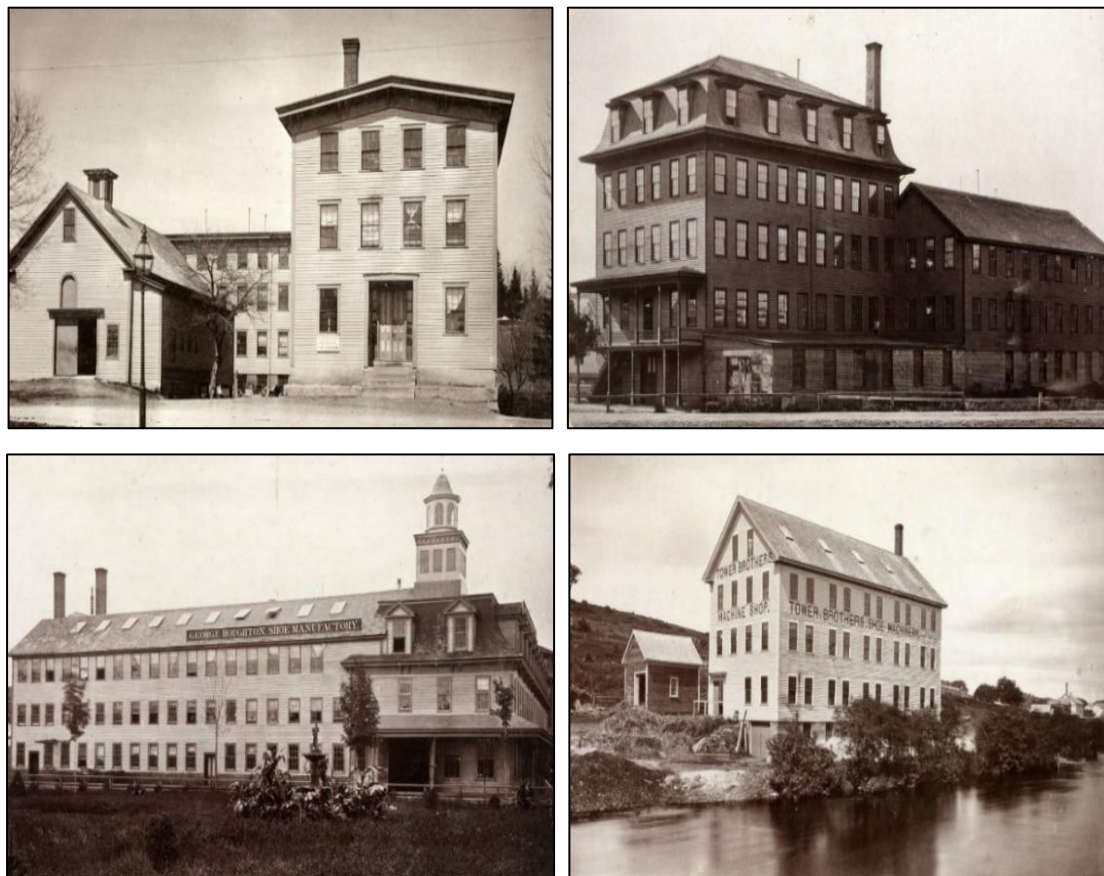
No dealbar do século XX (1900), a população de Hudson tinha já cerca de 7 500 moradores, a vila dispunha já de uma estação de energia, levando ligação elétrica a muitas das suas casas, e foram construídas linhas elétricas ligando-a às vilas vizinhas de Leominster, Concord e Marlborough. As fábricas da vila continuaram a crescer, atraindo imigrantes da Inglaterra, Alemanha, Portugal, Lituânia,

---

<sup>5</sup> Os nomes sugeridos para a vila foram Butler e Eastborough (com um voto cada), Felton (com 15 votos) e Hudson (com 35). Os 55 votantes eram oriundos das vilas limítrofes (Feltonville, Berlin, Bolton e Stow). Nesta votação terá pesado o facto de Charles Hudson ser natural da localidade e os donativos que este fizera.

Polónia, Grécia, Albânia e Itália, que inicialmente foram habitar em pensões perto dos seus locais de trabalho. Em 1928, entre os trabalhadores da Firestone-Apsley Rubber Company eram faladas dezanove línguas, situação linguística que também se verificava em todas as unidades fabris da vila.

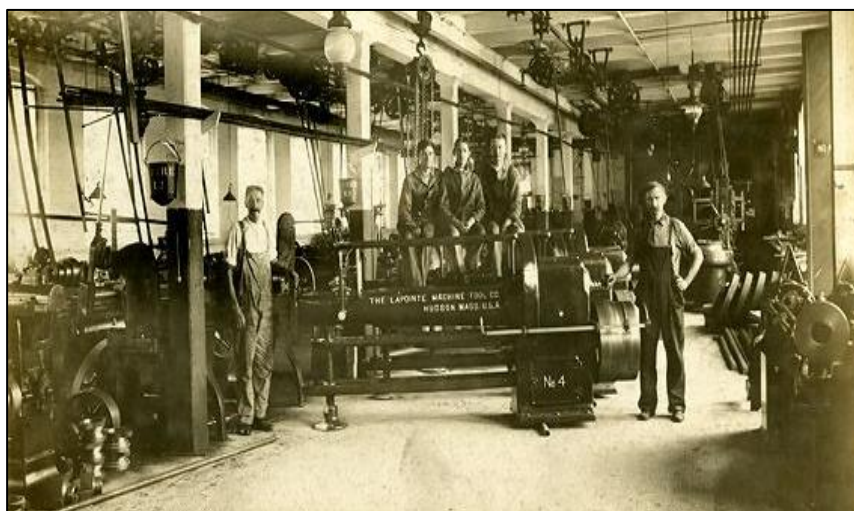
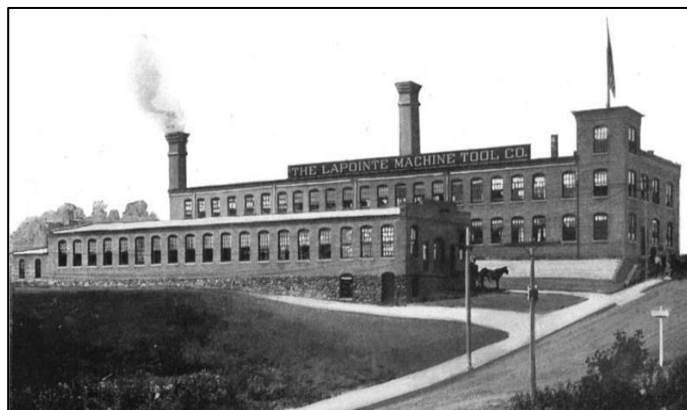
Figura 4 – Fotografias de fábricas de calçado em Hudson (c. 1900)



Fonte: E.M. Stowe's Shoe Shop, George Houghton's Shoe Shop, F.S. Dawe's Shoe Shop, Tower Brother's Shoe Shop in the 1900's. Hudson, MA: Hudson Historical Society [1900?]



Figura 6 – A fábrica Tha Lapointe Machine Tool, Co. e trabalhadores imigrantes no seu interior

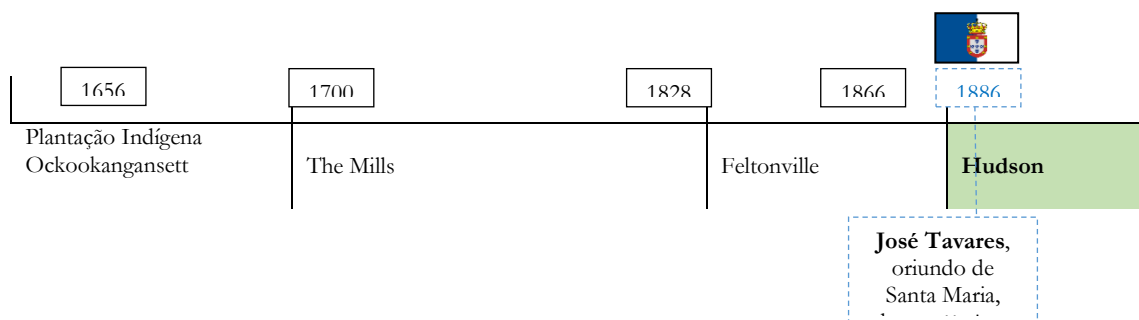


Fonte: “The Lapointe’s Machine Tool Co.” & “Workers at Lapointe’s”. Hudson, MA: Hudson Historical Society Collection, [1900?]

Atualmente, mais de um terço dos habitantes atuais de Hudson é português ou descendente de portugueses. À semelhança de outras partes da costa leste dos Estados Unidos, a esmagadora maioria dos habitantes de ascendência portuguesa tem origens açorianas, uma minoria é continental e um menor número tem origem madeirense. Em comparação com outras áreas da região nas quais quase sempre prevalecem os açorianos de procedência micaelense, em Hudson a esmagadora maioria é de Santa Maria, incluindo o seu primeiro precursor, José Maria Tavares. Os portugueses chegaram a Hudson apenas vinte anos depois do seu estabelecimento como *town*, ou seja, como vila. Esses portugueses chegam a uma vila com uma atividade industrial pujante e carente de mão-de-obra.

A José Maria de Chaves (1966) deve-se aquela que é a primeira história da presença portuguesa em Hudson, baseando-se o autor em entrevistas informais, em contactos com a comunidade e em pesquisa no Departamento de Emigração da Vila do Porto em Santa Maria, nos Açores. Deste modo, o autor conseguiu traçar as origens da comunidade e traçar boa parte da sua evolução até aos dias de hoje.

Figura 7 – Cronologia da fundação de Hudson até à chegada dos portugueses



Fonte: Esquema elaborado pelo autor

De acordo com Chaves (1966, p. 1), data de julho de 1886 o registo do primeiro emigrante lusófono – José Tavares – a chegar a Hudson. Oriundo de Santa Maria, nos Açores, chegara a Bóston a bordo do navio “Sara”, fixando-se em Hudson três dias mais tarde.

Figura 8 – José Tavares, o primeiro português de Hudson



Fonte: Retrato exposto na “The Tavares Room”, uma das salas de estudo da Biblioteca Pública de Hudson [19--?]

Dada a importância deste personagem para a história da comunidade portuguesa de Hudson, vale a pena recensear alguns dados biográficos. Ainda adolescente, José Tavares começou a trabalhar para as quintas de um proprietário de apelido Stow, chamando para Hudson, no ano seguinte, os seus irmãos, Manuel e João<sup>6</sup>, que chegaram em maio de 1887 e, à semelhança de José, foram trabalhar na área agrícola: o primeiro, para as propriedades agrícolas de um dos maiores proprietários da época, “Mr. Stratton”; o segundo, para as quintas de “Mr. Teele”.

Em 1888, chegam a Hudson os também adolescentes António Figueiredo Chaves e a sua irmã Maria<sup>7</sup> e, em julho desse ano, José J. Braga. Este último viria a trabalhar na fábrica de curtumes Dunn & Green Company até à década de 20 do século XX, altura em que essa fábrica encerrou esse ramo de negócio.

Em 1889, chega a primeira família de São Miguel, os Garcias, cujo registo é também o primeiro de um núcleo familiar completo: o pai, António, a mãe, Marie<sup>8</sup>, duas irmãs, Maria e Amélia, dois irmãos, Abel e Jacinto (CHAVES, 1966, p. 4). Oriunda de uma realidade onde as maiores atividades económicas eram a agricultura e o trabalho no campo, apenas a primeira vaga de migrantes açorianos se dedicou, quase em exclusivo, a essa atividade, o que não deixa de ser curioso. A partir da última década do século XIX, os registos de trabalho agrícola são mais raros e começa a surgir a vaga de operários fabris que veio a prevalecer em quase todas as gerações seguintes. Em 1893, chegam Victorino de Bairos e Augusto S. Correia, ambos oriundos de Santa Maria, que foram trabalhar para a já referida fábrica de curtumes Dunn & Green Company. No mesmo ano, também de Santa Maria chegam António R. Luz e José J. Braga (primo direto de José Braga, emigrado anos antes) e João N. Câmara.

Por outro lado, os primeiros movimentos migratórios para Hudson, a partir de território norte-americano, datam de 1900, já que em julho desse ano chegam de Cambridge, Massachusetts, José J. Almada e a sua mulher Leonore Silva Almada, acompanhada também pelo seu irmão Manuel Silva. Os registos notariais da época revelam informação alusiva aos primeiros casamentos deste grupo inicial, indicando duas tendências. Uma parte destes portugueses casa com pessoas de fora da comunidade portuguesa, devido, talvez, à inexistência, naquele período, de uma emigração em massa de portugueses para Hudson ou à necessidade de se relacionarem com as outras comunidades migrantes da região.

Nestes casos incluir-se-iam os irmãos Tavares, entretanto já plenamente estabelecidos em Hudson, uma vez que Manuel e João casaram com franco-canadianas (oriundas do Quebeque) residentes em Marlborough (cidade limítrofe de Hudson) e Hudson, respetivamente. Na mesma linha, os irmãos

---

<sup>6</sup> Na documentação do município de Hudson, o nome que surge é “John”. Chaves (1966) decide usar os dois, embora muito dificilmente tivesse chegado a Massachusetts um português nascido em Santa Maria com o nome inglês. Tratar-se-á seguramente de uma americanização para obviar a dificuldade de pronúncia do ditongo nasal português.

<sup>7</sup> Acompanhada da sua filha, ainda bebé, de nome Maria.

<sup>8</sup> Sempre com a forma Marie, trata-se provavelmente de outra americanização do nome Maria, neste caso, não por dificuldade de pronúncia mas por aproximação à variante anglófona do nome.

Garcia também casaram com franco-canadianas: Abel, com uma residente em Marlborough e Jacinto, com Evelin Morin, de Hudson. Maria, irmã de António F. Chaves casou com Patrick Connors, irlandês. A segunda tendência consistiu em casamentos entre os poucos elementos constituintes do embrião de comunidade: por exemplo, José J. Braga casa com Amélia, uma das filhas dos Garcia, de São Miguel; António Figueiredo Chaves, com Maria, a outra filha da família. À falta de portugueses casadoiros em Hudson, casamentos houve que se fizeram com portugueses já emigrados mas residentes em outras zonas: José Tavares, o primeiro a chegar ao território, casou com Luíza Nunes de Newport, Rhode Island (açoriana, da ilha do Pico).

Em 1905, chegam novos e numerosos grupos familiares: os “Rainha”, com os seus nove filhos (Victorino, Manuel, José, António, Mariano, Evaristo, Rosa, Isabel e Maria); os “Couto” e os seus quatro filhos, Maria, Augustine, Elvira e Gil. Dois anos depois, de Santa Maria, chegou Maria Pereira, acompanhada dos seus filhos (José, Jacinta-Maria e Maria José). Também em 1907, vindos de São Miguel, chegam os irmãos Mariano e Dinis Garcia. No ano seguinte, José Pestana é o primeiro português oriundo da ilha da Madeira a residir em Hudson. Até ao eclodir da Primeira Grande Guerra (1914-1918), a imigração portuguesa continua a ser exclusivamente insular e, sobretudo, açoriana, em concreto, das ilhas de Santa Maria e São Miguel. Por volta de 1910, há já registo de famílias de apelido Rainha, Coito, Furtado, Pereira, Mello, Sousa, Costa, Pimentel, Resendes, Ribeiro e Grilo. Destaca-se então a proveniência maioritária de Santa Maria, e, ainda que em menor número, alguma representação de São Miguel. Na lista de famílias atrás mencionada, apenas se regista uma da Graciosa<sup>9</sup> e uma da Madeira (os Pestana) (HHS, 1976, p. 7).

A contínua chegada de portugueses à região e, principalmente, a massificação dessa presença com consequências até aos dias de hoje, está intimamente ligada à crescente expansão industrial na zona e, por conseguinte, à necessidade emergente de mão de obra. Reconhecidos como gente trabalhadora, com grande capacidade de adaptação, os portugueses e seus familiares eram vistos com bons olhos pelos grandes proprietários fabris. No mesmo período, chegam a Hudson portugueses oriundos do continente e, embora Cabral (1983, p. 8), baseado num testemunho obtido numa entrevista, refira que os continentais eram, a dada altura, a população maioritária, essa informação carece de base documental, parecendo muito improvável. Na verdade, o interesse por Hudson como destino de emigração dos continentais não parte de portugueses residentes em Portugal continental, antes se devendo a continentais já residentes em outras áreas da Nova Inglaterra e que, por maior oferta de emprego ou por maior estabilidade laboral, se mudam para Hudson, como aconteceu com José Simões, Félix Correia e João Pereira Rio (BORROZ, 1980, p. 3).

---

<sup>9</sup> Chaves não consegue identificar qual seria o apelido oriundo da Ilha Graciosa. Atualmente, não são conhecidos descendentes de indivíduos oriundos dessa ilha que remontem àquela época.



A história da comunidade portuguesa de Hudson na primeira metade do século XX acaba por ficar ligada à de João Pereira Rio, emigrante oriundo de Trás-os-Montes que chegou aos Estados Unidos a 15 de novembro de 1915. Com uma passagem inicial por Milford, em Massachusetts, acaba por se fixar em Hudson para trabalhar na *Apsley Rubber Company*. Investiu no imobiliário em Hudson, ganhou enorme preponderância na organização de eventos da comunidade e é o primeiro presidente do Clube Português de Hudson.<sup>10</sup>

Considerados “confiáveis”, “sérios” e “trabalhadores”, os portugueses eram procurados, na década de 20, pelas empresas em áreas limítrofes e em comunidades de outros estados. Desde 1910, a comunidade portuguesa crescera imenso devido ao desenvolvimento industrial da vila, cujos censos, nesse mesmo ano, indicavam apenas quatro votantes de nacionalidade portuguesa, número que se multiplicaria em poucos anos. Assim, com a contínua chegada de novos emigrantes, em 1920 eram já 1000 os portugueses a viver em Hudson e a iniciar negócios de iniciativa própria, contribuindo de forma decisiva para o florescimento económico da região (CABRAL, 1983, p. 169).

Nesta fase é criada a *Portuguese Mutual Benefit Society*, a Banda Filarmónica e a Sociedade do Espírito Santo, sinais claros da implantação de uma comunidade com laços internos, que tendia a organizar-se em função da origem e da língua. Era também já evidente, nesta fase, que os portugueses não só começavam a integrar-se na sociedade estado-unidense como também estavam a criar uma rede cultural e de solidariedade própria, facilitadora dessa integração. Embora tenham criado, desde muito cedo, mecanismos de preservação da sua cultura, à medida que foram ganhando direitos de cidadania quiseram marcar presença nos momentos mais importantes da vida coletiva, não só de Hudson como do próprio Estado e do país<sup>11</sup>. Nesta primeira vaga portuguesa em Hudson, destacaram-se no apoio prestado aos restantes imigrantes os seguintes nomes: José M. Chaves, José M. Ferreira, Leonor Almada e Elvira Rio (mulher de John P. Rio), sendo que só José M. Chaves foi responsável pelo patrocínio de 281 futuros cidadãos americanos.

A maior vaga migratória de açorianos para Hudson verificou-se, contudo, no período seguinte à Segunda Grande Guerra (1939-1945), sobretudo, nas décadas de 60 e 70 do século passado, após a erupção dos Capelinhos no Faial.<sup>12</sup> A concessão de vistos a açorianos desalojados devido à catástrofe

<sup>10</sup> João P. Rio foi também presidente da União Continental Portuguesa por duas ocasiões, 1934-35 e 1952-54. De salientar que é também ele quem lidera a criação de uma União Continental Portuguesa com sede na Nova Inglaterra no ano de 1925.

<sup>11</sup> No seio da comunidade portuguesa, Domingos F. Fortes é reconhecido como um exemplo, encarnando a determinação e admiração dos estado-unidenses pelos portugueses. Recém-chegado a Hudson, e com fraco domínio do inglês, poderia ter facilmente abdicado de servir na Primeira Grande Guerra pelo exército estado-unidense, mas, recorrendo a um intérprete, deu a conhecer a sua opção de lutar pelo país. Foi um dos dezanove portugueses que se alistaram e o único a não regressar. Já na Segunda Guerra Mundial, 142 rapazes e 3 raparigas descendentes de portugueses participaram no conflito pelo lado estado-unidense, sendo que, dos primeiros, quatro perderam a vida : John Sousa, Edward Queen (americanização de “Rainha”), José Neves e José Faria.

<sup>12</sup> O *Azorean Refugee Act* of 1958, também conhecido por Pastore-Kennedy Act of 1958 foi uma proposta conjunta dos senadores John O. Pastore e John F. Kennedy. O diploma permitia a concessão de 1 500 vistos destinados a chefes de família da ilha do Faial que emigrassem até 30 de Junho de 1960, mas uma emenda introduzida posteriormente alargou o número de vistos para 2 000, estendendo o prazo até Junho de 1962. Em consequência directa do diploma, entre 1958 e 1965 perto de 2 500

natural regenerou as redes de migração iniciais e, no caso de Hudson, rejuvenesceu o êxodo de Santa Maria rumo à vila americana, processo que tinha estagnado essencialmente no período entre as guerras mundiais. Por isso, são raros os adolescentes que, tendo ascendência portuguesa e estando atualmente a frequentar o ensino secundário em Hudson, na resposta a um questionário não referiram o facto de a avó ou o avô ter trabalhado numa das muitas fábricas da vila.

Das indústrias implantadas na vila, a do calçado sempre foi a mais representativa. É, no entanto, na segunda metade do século XIX que estas se espalham por toda a parte, atraindo imensos trabalhadores para a região. A imigração portuguesa envolveu-se nesta indústria desde o início, já que oferecia empregabilidade aos recém chegados à região, a ponto de praticamente duas gerações de portugueses e luso-americanos estarem ligadas à história destas fábricas. Residentes na vila, os portugueses passaram a chamar familiares de Santa Maria graças ao novo processo de vistos simplificado para açorianos. Chegados a Hudson, eram quatro as companhias que se destacavam por empregar estes imigrantes: as fábricas de calçado *Braga Shoe Company Factory* e a *Thomas Taylor & Sons* e, noutras áreas, a *Hudson Lock* e a *Independent Cable Inc.* Dos 240 operários que trabalhavam na *Taylor's*, 125 eram portugueses, descritos por W.H. Noeth ao *Hudson Daily Sun*, vice-presidente da empresa, como “trabalhadores, honestos, confiáveis, amigáveis, compreensivos e centrados na família”.

Fundada em 1859 com o nome de *L. T. Jeffs Factory*, a antiga fábrica de sapatos para senhoras foi comprada em 1937 por descendentes das primeiras gerações de portugueses: a *Braga Shoe Company Factory*, que teve o seu auge no período pós Segunda Guerra Mundial.<sup>13</sup> A fábrica notabilizou-se no negócio do calçado, tendo registado várias patentes na área, aplicadas inclusive ao calçado militar.

A companhia *Thomas Taylor & Sons* foi outro centro de mão de obra portuguesa e uma das que teve maior impacto na comunidade de Hudson, empregando, em muitos casos, várias gerações da mesma família. Ainda hoje, alunos da Escola Secundária de Hudson mencionam que os avós trabalharam na *Taylor's* e que a fábrica ficou conhecida por ser muitas vezes o primeiro posto de trabalho dos portugueses de Santa Maria recém-chegados a Hudson.

Com atividades distintas, outras duas companhias absorveram grande parte da imigração portuguesa acabada chegar a este território; eram, segundo vários entrevistados na comunidade, “fábricas portuguesas”, “cheias de portugueses” e lugares onde “se falava português com quase toda a gente”.

A *Hudson Lock* (companhia criada em 1963) e a *Independent Cable Inc.* (criada em 1973) eram, à semelhança das fábricas de calçado, pequenos centros de trabalho da comunidade portuguesa, onde o português era a língua mais usada, incluindo em cargos de chefia. Cabral (1983, p. 137) obteve de um

---

famílias imigraram do Faial e Pico, num total de cerca de 12 000 pessoas, das quais 4 811 directamente ao abrigo da norma. Esta emigração inicial teve um efeito multiplicador gigantesco, estendendo-se a emigração a todas as ilhas e levando a que nas décadas seguintes mais de 175 000 açorianos (mais de 30% da população) partissem para os Estados Unidos.

<sup>13</sup> O primeiro proprietário da fábrica foi o mariense Frank Braga. A fábrica continuou na família entre 1937 e 1971, altura em que foi vendida à LaRosee and Company.

dos gestores da *Hudson Lock* um testemunho que prova essa realidade. Assumia o gestor, citado por Cabral (1983, p. 145) que 60% dos funcionários da fábrica eram de origem ou ascendência portuguesa, 25% tinham cargos de supervisão e, para contratar pessoal, nunca fora preciso publicar um anúncio de emprego, pois as vagas eram preenchidas por outros portugueses, apenas por contacto pessoal e informal dentro da comunidade.

Anos mais tarde, a *Digital Equipment Corporation* absorveu também muita mão de obra portuguesa. Ao contrário das fábricas de calçado, a *Digital*, como era conhecida na comunidade, empregava outra geração de portugueses, principalmente os que haviam completado estudos em Hudson, descendentes dos que desbravaram o caminho inicial. Foi um dos maiores empregadores da região nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX e, segundo relatos da comunidade, foi uma das empresas mais prestigiantes de Hudson, famosa por dar oportunidades de progressão aos trabalhadores, pelos salários altos e por assegurar muitas regalias.<sup>14</sup>

Revelador do prestígio e do impacto desta empresa na comunidade lusodescendente de Hudson, é o facto de, em 1988, uma lusodescendente finalista do ensino secundário<sup>15</sup> declarar no livro de curso da sua turma que “em 20 anos desejava estar a trabalhar na *Digital* como secretária executiva”. O sonho de muitos lusodescendentes acabou por não se concretizar, uma vez que a companhia, que perdera força no final do século XX, viu as suas unidades serem compradas por outras companhias (*Compaq*, *Intel* e *HP*), até que a empresa, em 2016, anunciou a sua deslocalização e o conseqüente encerramento em Hudson. A geração de lusodescendentes que trabalhou na companhia melhorou consideravelmente o seu nível de vida, fruto do potencial de crescimento que ela proporcionava.

Tratou-se, portanto, de uma integração fácil e organizada, iniciada com o patrocínio de familiares e fortalecida pelo fácil acesso a postos de trabalho estáveis, onde a língua não constituía uma barreira. As décadas de 60 e 70 do século XX assistiram a uma “portugalização” da vila em quase todas as suas áreas económicas, passando os portugueses residentes na vila a ter com outro prestígio e estatuto social. O prestígio da comunidade portuguesa advinha também do facto de ser raro o português que estivesse a viver de apoios da segurança social; tinham, pelo contrário, dois e três trabalhos, eram sérios com a banca, visto pagarem pontualmente créditos solicitados, e investiam na vila, fosse na prestação de serviços, fosse na compra de casas ou na sua reconstrução.

A enorme flexibilidade e competência na área da construção civil levou a que muitos portugueses iniciassem negócios de reparação de casas, pintura e jardinagem. Grande parte destes negócios eram em regime de *part-time*, normalmente antes ou depois dos turnos nas fábricas de calçado da vila.

---

<sup>14</sup> O termo a que se referiram as pessoas da comunidade era “*benefícios*” em vez de *regalias*, falso cognato do inglês “*benefits*”, palavra usada para mencionar aspectos contratuais extra-salário, normalmente participação patronal em seguros de saúde.

<sup>15</sup> A aluna de apelido Chaves, fazia parte do *Bilingual Club*; outro aluno, de apelido Braga, sugeria a título de humor (mas revelador da *portugalização* da escola), que deixaria, se pudesse, um dicionário de português a cada professor da escola para os poder ajudar (*Yearbook-Class of 1988*: 23).

Muitos houve que se dedicaram à compra de propriedades antigas ou em ruínas para reconstrução e futura venda ou arrendamento. Fruto desses investimentos, uma boa parte dos atuais arrendatários de Hudson tem ascendência portuguesa. Poucando na mão de obra, com a ajuda de amigos e familiares, Hudson foi-se renovando e a comunidade portuguesa foi subindo no seu prestígio, primeiro como trabalhadores sérios e responsáveis, depois também como grandes homens de negócio. Este investimento na construção teve o seu expoente máximo na companhia *S&F Concrete*, criada e desenvolvida por portugueses e que, ainda hoje, representa um dos casos mais sérios de sucesso empresarial no país. António Frias, um dos fundadores da companhia, emigrou em 1955 e, uma vez chegado a Hudson encontrou no imediato emprego numa fábrica de sapatos, local onde a mãe, nascida nos EUA, já trabalhava. Com dezasseis anos, desiste de um emprego na fábrica a tempo inteiro e um *part-time* numa padaria portuguesa e muda-se para Chicago, onde se dedica à construção civil. Em 1965, numa parceria com Jack Santos e Joseph Frias assumiram a chefia do negócio para o qual trabalhavam e, em New London, Connecticut, fundam aquela que se tornaria a maior companhia construtora de Massachusetts, a *S&F Concrete*. Começaram por construir passeios, sobrados de casas, e valetas em cimento mas a qualidade da construção e a organização empresarial, pouco comum até então, depressa lhes deu o devido reconhecimento e, nas décadas seguintes, foram absorvendo grande parte da mão de obra portuguesa e assumindo as obras mais icónicas de Bóston e arredores.<sup>16</sup> A empresa, que começou com 3 funcionários, tem hoje cerca de 600, quase todos portugueses ou lusodescendentes ou lusofalantes.

Desde a chegada de José Tavares a emigração de Santa Maria consolidou-se, tornando-se a ascendência portuguesa mais presente na vila. A Câmara de Hudson não tem dados, registos e estatísticas que possam corroborar e confirmar numericamente esta informação; porém, à luz os elementos recolhidos nas Escolas Públicas de Hudson (EPH) percebe-se com facilidade que Santa Maria é a ascendência mais comum entre os alunos. A Câmara de Vila do Porto (Santa Maria, Açores), tem alguns dados relativos aos emigrantes radicados nos EUA, contudo, não se pode extrair propriamente uma informação numérica, uma vez que esses portugueses se distribuíram por várias zonas do país. Na Nova Inglaterra, entre outras localidades, é em Hudson, Cambridge, Saugus, Taunton e East Providence, que os marienses se encontram em maior número. No caso em apreço, Hudson, a relação com a ilha de Santa Maria é tão significativa que, ao abrigo do programa de geminação de cidades, foi criado um protocolo de cooperação e de relação económica e cultural entre Hudson e Vila do Porto, capital da referida ilha.

---

<sup>16</sup> A título de exemplo, a *S&F Concrete* é responsável pela construção da *Millenium Tower*, o pavilhão da equipa de basquetebol Bóston Celtics, o estádio da equipa de futebol americano *New England Patriots* e os edifícios do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), obras que envolvem centenas de milhões de dólares.

Note-se que o facto de a determinada localidade desta região chegarem emigrantes com esta origem não significa que estes constituam uma comunidade, organizada e gerida como uma réplica do local e da cultura de origem. Com efeito, ao longo de quase cem anos, para a criação da comunidade concorreram vários fatores que levaram as pessoas a permanecer em Hudson e a criar um sentimento de pertença quer ao grupo, quer à comunidade envolvente, conforme se mostra abaixo.

A criação do *Hudson Portuguese Club* (Clube Português de Hudson) constitui um relevante marco na vida da comunidade portuguesa de Hudson. Importa, por isso, recuar no tempo para indicar como nasceu e quais os propósitos deste projeto. A primeira organização data de 1919, o “Hudson Portuguese Sports Club” e dedicava-se sobretudo à prática do boxe e do *bocceball*. A primeira reunião teve lugar no número 86 da *Apsley Street* e o primeiro presidente foi João Pereira Rio. Em 1922, nasce o *Clube Português de Hudson*, com sede no número 5 da *High Street*, que posteriormente se transferiu para a Main Street, número 49 (onde ficou até 1933). John Rio foi o seu primeiro presidente, com um Conselho de Administração composto por Alípio Barreira, Abílio Augusto e José Maria Ferreira. O objetivo desta agremiação era, então, a prática desportiva, assim como atividades de lazer que aliviassem a dura vida laboral da comunidade.

O novo clube alarga os horizontes e pretende, para além da promoção de eventos desportivos, ter uma vertente de cariz cívico. De acordo com os seus estatutos, era seu propósito “promover entretenimento, atividades recreativas e a boa cidadania de todos os seus membros, fomentando uma melhor adaptação das pessoas oriundas de Portugal ao estilo de vida americano”.<sup>17</sup> Em 1928, é oficialmente constituído o *Hudson Portuguese Club*<sup>18</sup>, altura em que se torna notória a falta de espaço das instalações para as diversas atividades desenvolvidas no clube, uma vez que então funcionava como escola noturna e pós-laboral, além de ali funcionar uma secção de futebol e uma banda musical.

No final daquele ano, os membros decidiram comprar uma parcela de terreno na *River Street* com a intenção de em breve criarem um novo clube, um campo de futebol e um espaço de piqueniques e banquetes.

---

<sup>17</sup> Tradução do original no *Hudson Portuguese Club* (CPH, 2005, p. 12) “to render entertainment, recreation, and good citizenship at all its members, and to create a better understanding between the newly arriving Portuguese-speaking people from the mother country, and the American way of life”.

<sup>18</sup> Presente no site oficial do clube, a expressão “Founding Fathers” é uma clara influência estado-unidense, em alusão aos *Founding Fathers* (Peregrinos ou Pais Peregrinos) dos E.U.A., ou seja, os primeiros colonos ingleses de confissão calvinista que, a 21 de novembro de 1620, se fixaram na Nova Inglaterra, e que, segundo a tradição, no ano seguinte, em novembro de 1621, festejaram o primeiro Dia de Ação de Graças, festividade que, desde novembro de 1942, se celebra na quinta-feira da quarta semana de novembro.

Figura 9 – Os fundadores do Clube Português de Hudson (1928)<sup>19</sup>



Fonte: Fotografia em exposição no Clube Português de Hudson

A 22 de setembro de 1933, com a presença das autoridades locais, membros do clero e outras personalidades de Hudson e de outras vilas, é inaugurado o *Portuguese Club of Riverview Road*, sendo também constituído um grupo de Senhoras Auxiliares<sup>20</sup>, lideradas por Leonor Almada, Elvira Rio e Rita Ferreira. Ao longo dos anos, o Clube dinamiza atividades relacionadas com a música, o ensino do português, a dança e o convívio.

A análise dos sucessivos fluxos migratórios de Portugal para os Estados Unidos permite-nos situar Hudson num grupo distinto dos tradicionais recetores de emigração portuguesa nos Estados Unidos da América e, em concreto, no estado de Massachusetts. Os portugueses que se radicaram em Hudson são oriundos dos Açores (maioritariamente Santa Maria) e de Trás-os-Montes, regiões eminentemente rurais e, no caso daquele arquipélago, com natural tradição piscatória.

Com efeito, devido às atividades em que eram experientes, os emigrantes portugueses para os Estados Unidos tiveram como principal destino a indústria agrícola e piscatória, o que lhes facilitou a sua integração e a empregabilidade, acabando por se fixarem em zonas do país onde era possível pôr em prática as competências que haviam desenvolvido nas suas terras de origem. No entanto, Hudson não é uma localidade costeira nem nunca teve uma atividade agrícola que justificasse o interesse da emigração portuguesa. Se, por um lado, os primeiros emigrantes que se radicaram em Hudson foram trabalhar em unidades agrícolas, também é verdade que depressa mudaram de atividade laboral, já que Hudson nunca

<sup>19</sup> Na fotografia aparecem: Vasco Couto, Antonio Margado, Joaquim Silva, August Mesquita, Antonio Loureiro, Jose Paulo, Jose Ferreira, Aldofo Correia, Antonio Duarte, Antonio Francisco, Jose Pereira, Antonio Teixeira, Bernardino Augusto, Ricardo Oliveira, Jose Almeida, Manuel Alves, Feliz Correia, Joao (John) Pereira do Rio, Francisco Alves, Joao Alves. Disponível em: <http://www.hudsonportugueseclub.org/history/>

<sup>20</sup> Muito comuns nos Estados Unidos, as afiliações “Ladies Auxiliary” constituem uma tradição que remonta ao período da Guerra Civil Americana (1861-1865). Estas agremiações conferem às mulheres um papel preponderante no apoio a atividades culturais e em projetos educativos junto das comunidades.

poderia ter atraído os portugueses que acabou por atrair a partir dessa atividade económica. Neste sentido, os emigrantes de Hudson afastam-se dos que foram para a Costa Oeste, sobretudo da Califórnia, onde a agricultura se tornou num dos principais focos de empregabilidade migrante e vai, se bem por outros motivos, distinguir-se também de boa parte dos emigrantes da Costa Leste. Situada no interior de Massachusetts, Hudson encontra-se longe dos portos marítimos que receberam grupos numerosos de portugueses cuja empregabilidade esteve sempre ligada à indústria piscatória e baleeira, casos de New Bedford, Fall River ou Gloucester, por exemplo. A verdade é que a descoberta de Hudson por parte dos portugueses é tardia e surge apenas no final do século XIX, época em que o tecido económico da Nova Inglaterra se alterava profundamente, e numa fase em que a indústria baleeira se encontrava praticamente extinta.

A diversificação da indústria manufatureira estava em curso um pouco por todo o território e, com ela, surgiam novas oportunidades de negócio, carentes de mão de obra que, à data, não necessitavam de grande especialização. Hudson é “descoberta” pelos portugueses quando o foco da Nova Inglaterra deixa de ser o óleo de baleia numa época em que New Bedford está em declínio económico. Na costa leste florescem outro tipo de fábricas e, no caso de Hudson, a pujante indústria da borracha e, principalmente, a indústria do calçado, atividades que se constituíam como centros de emprego de muita da mão de obra que chegava da Europa. Este tipo de manufatura, ainda que dura e difícil, permitia empregar núcleos familiares completos nas suas linhas de montagem, proporcionando a vinda de famílias inteiras para o território. Esta empregabilidade à escala familiar era bastante atrativa e foge ao padrão até aqui experienciado em que os homens eram os primeiros a aventurar-se, normalmente em trabalhos pesados e arriscados, e só passados alguns anos, a restante família embarcava rumo aos Estados Unidos. Era, portanto, mais fácil emigrar para Hudson com a família completa porque havia como empregar elementos do sexo feminino. Essa estabilidade pessoal e financeira, que a indústria piscatória não garantia na mesma escala, foi o grande chamariz que levou a que Hudson se tornasse vila recetora de emigração vinda diretamente da Europa mas também de migrantes internos, procedentes de áreas economicamente deprimidas. Com a fácil empregabilidade e o garante de estabilidade familiar, Hudson começou a atrair cada vez mais portugueses, de maioria açoriana (em especial Santa Maria e São Miguel), mas também continentais com os quais cresceu igualmente o número de associações culturais e a rede de comércio, assim como a prestação de serviços que veio dinamizar, económica e culturalmente, a vila.

No caso de Hudson, o facto de se tratar de uma vila por si só de pequenas dimensões, levou a que a relação de proximidade entre os seus membros se tornasse mais estreita, quase familiar, resultando também daí uma forte coesão da comunidade, situação para a qual muito contribuiu a partilha, entre todos, das mesmas tradições religiosas e um forte apego à cultura e às tradições portuguesas. É certo que o processo de criação de uma rede cultural de iniciativa lusófona em Hudson não se distingue, em grande medida, das demais comunidades lusófonas nos EUA, mas o que diferencia a rede da vila em apreço é

o facto de ter conseguido idêntica diversificação que outros meios de maior densidade populacional e de ter tido, ao longo de largas décadas, uma influência enorme na vida cultural da vila.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, C. *The New England Lusophone Archipelago: a new reading of Azorean-, Cape Verdean-and Portuguese-American literature*. Thesis (Master of Arts) – Georgetown University, 2015

BERLIN, I. *Emergence of Atlantic Creoles in the Chesapeake. Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

BORROZ, C. *Building His Bridges. The life and Times of John P. Rio, Portuguese Immigrant*. Vancouver;Washington: Marque Graphics, Inc, 1980.

CABRAL, A. *Odisseia Portuguesa via Hudson, Massachusetts, USA*. Tese de Mestrado, University of Massachusetts, 1983

CHAVES, J. *The History of the Portuguese People in Hudson, 1886-1966*. [Edição do autor], 1966.

DRAKE, S. *History of Middlesex County, Massachusetts, v. 1 (A-H)*. Massachusetts: Marvin & Son Printers, 1890.

HHS. *Bicentennial scrapbook: reviewing some of the happenings, customs and personalities in the town of Hudson, as recalled or recorded through the years*. Hudson, Massachusetts: Hudson Historical Society, 1976.

HUDSON, C. *History of Hudson*. Massachusetts: Marvin & Son Printers, 1877

LEVI, J. A. As Comunidades Sefarditas na América Francesa durante os séculos XVI-XVIII. *Mentalities/Mentalités*, v. 18, p. 60-71, 2003a

LEVI, J. A. Do Êxodo ao Êxito: Crónicas do Sucesso Sefardita no Novo Mundo (1492-1820). *Rotas da natureza. Na construção científica e empírica do mundo. Colóquios*. Lisboa, v. 23, p. 27-29, 2003b. Convento dos Cardais, Museu da Água. Diáspora Judaica. Disponível em: <http://www.triplov.com/cictsul/exodus.html>.

PAP, L. *The Portuguese-Americans (The Immigrant Heritage of America)*. Staten Island, New York: Twayne Pub, 1981.

Data de submissão: 17/05/2022  
Data de aprovação: 05/07/2022

Copyright (c) 2022 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)